

CARL RITTER, O HOMEM E O GEÓGRAFO

N. L. MÜLLER

O ano de 1959 registra o centenário da morte de dois dos criadores da Geografia moderna: Alexander von Humboldt e Carl Ritter. Do primeiro, já o Boletim Paulista de Geografia se ocupou em seu nº 32, correspondente a julho do ano corrente. Da vida e da obra de Carl Ritter trata o presente estudo, de autoria da Profa. Dra. NICE LECOCO-MÜLLER, sócio efetivo da A.G.B. (de que é, atualmente, Secretário Geral) e assistente da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

I. O HOMEM

Traços biográficos. — Carl Ritter nasceu na cidade de Quedlinburg, Prússia, no ano de 1779, filho de um médico de mérito que faleceu quando Carl, o caçula de numerosa família, contava apenas cinco anos de idade. Sua mãe, sem recursos, viu-se contrangida a colocar seus filhos, sob adoção, em lares abastados, tendo logo assim decidido da sorte de três deles. Carl, nessa fase crítica da vida da família, teve então sorte quase providencial que, apesar da relutância da mãe em separar-se dele, levou-o para outra cidade e decidiu de seu destino. Na ocasião, o educador Salzmann fundava, em Schnepfenthal, uma escola orientada por novos métodos e estava à procura de um menino afim de adotá-lo e educá-lo pelo seu método de "persuação moral". Entrando em contato com a Sra. Ritter, acabou por convencê-la a entregar-lhe Carl que, assim, foi o primeiro discípulo de uma instituição que mais tarde se tornaria célebre.

Terminado o curso em Schnepfenthal, Ritter chegou aos dezesseis anos com grande desejo de prosseguir seus estudos, mas sem possibilidades econômicas de manter-se na Universidade. Mais uma vez a Providência veio em seu auxílio na figura de um rico comerciante de Frankfurt, o Sr. Hollweg, que, por recomendação de Salzmann, resolveu financiar seus estudos superiores com a condição de que, uma vez formado, se tornasse o tutor de seus dois filhos. Ritter vai então para Halle, o mais importante centro intelectual

de seu país na época, onde teve o privilégio de ser discípulo de Niemeyer, considerado como um dos maiores educadores alemães, e que lhe deu o gosto e o necessário treinamento para sua futura carreira de professor.

Em 1798, já formado, Ritter transfere-se para Frankfurt, onde inicia sua tarefa como tutor dos meninos Hollweg. Seu trabalho, em ambiente de família de recursos, possibilitou-lhe entrar em contato com grandes personalidades (entre elas Alexander Von Humboldt, que conheceu em 1807, e Pestalozzi), bem como realizar inúmeras excursões com seus pupilos, especialmente na Suíça e na Itália. Com esses contatos e os novos horizontes abertos pelas viagens, com as facilidades que a associação com os Hollweg e a vida em Frankfurt lhes favoreciam, Ritter dedicou-se a estudos diversificados, estimulado pelo seu trabalho de tutela; no entanto, entre as várias disciplinas a que se dedicou, reservava interesse especial pela História e pela Geografia.

Em 1814, vai para Göttingen, acompanhando seus alunos, que iam cursar a Universidade (1). Ficou na cidade dois anos e, aí, além de conhecer muitos intelectuais, fez uso intensivo e constante da rica biblioteca. Dando por terminada sua tarefa de tutor, Ritter passou a seguir algum tempo em Berlin, acabando, em 1819, por voltar para Frankfurt, onde se casou e, por um ano, desempenhou a função de professor secundário de História. Nessa altura, tendo já publicado duas obras, a *Geografia da Europa* e a primeira edição do *Erdkunde*, é convidado, inclusive por empenho de Wilhelm Von Humboldt, irmão de Alexander, para reger a recém-criada cadeira de Geografia na Universidade de Berlin. Aceitando o convite, começa suas funções como o primeiro professor universitário da matéria, em setembro de 1820, dando início, por assim dizer, à segunda metade de sua vida, quando atingiu a plenitude de sua carreira científica e profissional. O crescente reconhecimento de seu valor intelectual fez com que, então, novos encargos fossem se acumulando, prejudicando suas pesquisas e seu trabalho geográfico: sucessivamente, foi nomeado membro da Comissão Científica de Pesquisa em História e Geografia, professor de História na Escola de Guerra, diretor de estudos do Corpo de Cadetes, tutor particular de História do Príncipe Alberto da Prússia.

Depois de vários anos de trabalho dispersivo, Ritter resolveu, em 1831, abandonar vários de seus inúmeros compromissos, a frequência a vários círculos (inclusive a Sociedade Geográfica de Berlin, de que foi fundador e presidente inúmeras vezes) e dedicar-

(1) Um de seus discípulos faleceu ainda moço, mas o outro foi o depois famoso Barão Bethman Hollweg, que mais tarde foi colega de Ritter na Universidade de Berlin, além de líder no campo médico e educacional.

se à sua obra. Nesse período, à medida que seu trabalho foi sendo publicado, foi eleito membro de quase todas as sociedades científicas da Europa, recebendo ainda inúmeras honrarias.

Internacionalmente conhecido e respeitado, Ritter encerrou sua produtiva vida em 1.º de outubro de 1859, aos oitenta anos de idade, na cidade de Berlim.

A personalidade. — Como pessoa, Ritter foi lembrado, pelos seus amigos e contemporâneos que com êle tiveram o privilégio de privar, pela sua natureza afável e alegre, sua palavra brilhante mas sempre amistosa, seu temperamento calmo, provavelmente reflexo de sua tranquilidade interior, e pelo seu espírito conservador, que fazia com que parecesse um tanto excêntrico, pelo uso de roupas completamente fóra de moda.

Como intelectual, destacou-se pelo vasto campo de seus conhecimentos e pela sua imensa modéstia, que o tornava quase impermeável às honrarias, que mal registra em seu diário, e possuidor de grande receptividade às críticas feitas aos seus trabalhos. Bem elucidativo desta última afirmação foi o incidente ocorrido por ocasião da publicação da primeira edição do *Erdkunde*, quando um jovem estudante, Julius Fröbel, que havia pouco tempo entrara em contato com a Geografia, escreveu um ensaio crítico sobre sua obra (2). Ritter não só leu o artigo, como influiu junto a Berghaus para que o publicasse nos "Annalen", respondendo-o no mesmo número da conhecida publicação (3). Em sua réplica, é bem característico de Ritter não ter nem de leve tentado ridicularizar o trabalho de Fröbel, o que poderia ter feito facilmente, uma vez que, embora contendo certos pontos válidos, era êle, sem dúvida, imaturo e pouco informado. Ao contrário, caracterizou o ensaio como um "esforço para o progresso da Geografia", proveniente de uma "inteligência, sem dúvida, aguçada". E, como também era típico dêle, Ritter não guardou rancores: quando Fröbel, pouco depois, procurou-o em Berlim, não só recebeu-o cordialmente, como convidou-o para trabalhar nos mapas que ilustrariam os próximos volumes do *Erdkunde*.

Como professor, Ritter, com o dom da palavra, foi brilhante, contando com audiências sempre numerosas, caracterizando-se por sua habilidade em apresentar os assuntos de modo completo, mas de forma sempre vívida e pitoresca, pela facilidade com que utilizava mapas e "croquis" que executava ao quadro-negro.

(2) Julius FRÖBEL — *Einige Blicke auf den jetzigen formellen Zustand der Erdkunde*, in "Annalen der Erd-Völker-und Staatenkunde", n.º 4, 1831, p. 493-506.

(3) Carl RITTER — *Carl Ritters Schreiben an Heinrich Berghaus, in Beziehung auf den vorstehenden Aufsatz des Herrn Julius Fröbel*, publicado no mesmo periódico anteriormente citado, p. 506-520.

Espiritualmente, foi êle profundamente místico, com fé inabalável em Deus, apesar da orientação "racionalista" que Salzmann procurou lhe inculcar na adolescência, dos revezes da vida e do fato que mais o abalou moralmente, a perda de sua espôsa, falecida vinte anos antes dêle. Até sua morte, manteve essa fé que o acompanhou em vida, como testemunham suas últimas palavras: "Deus guiou-me até aqui e Êle não me abandonará agora". Através de seus diários e do relato dos que com êle privaram, pouco falava de fé — mas ela transpira através dos atos de sua vida e de todo seu trabalho. De fato, a atividade científica de Ritter seguiu uma filosofia teleológica, em que procurava descobrir nos fenômenos naturais os desígnios divinos. Para êle, seu trabalho (como registrou em seu diário) era uma das maneiras de chegar ao Criador, seu "canto de louvor a Deus".

Pode-se dizer, sem medo de errar, que Ritter, apesar de todas as dificuldades que teve de enfrentar, especialmente em sua primeira metade de vida, pôde construir uma existência digna e desenvolver uma personalidade admirável. Por tudo isso, foi respeitado por seus contemporâneos, que souberam ver nele um exemplo de homem e de profissional.

II. O GEÓGRAFO

Formação científica. — Nos estudos sôbre Ritter, encontramos frequentemente a afirmação de que teria chegado a se interessar pela Geografia através de seu gosto pela História. Dêsse ponto de vista são os estudos de GAGE (4) e a obra de DICKINSON e HOWARTH (5), aliás apoiada nos primeiros. Há, no entanto, opiniões contrárias, como as de HARTSHORNE (6), RATZEL (7) e KRAMER (8). O problema reside em saber se êle partiu da Geografia e depois foi progressivamente se interessando pela História ou se o roteiro teria sido inverso. Os fatos da vida de Ritter indicam que, desde criança, êle recebeu uma formação que o orientava para a Geografia. Já em Schenepfenthal fôra despertado seu interêsse pela observação da natureza, graças à orientação educacional do colégio, baseada nos preceitos de Rousseau e Pestalozzi, sem falar no fato de que, no período em que Ritter aí esteve, a direção da escola estivera a cargo de J.C.F. Gutschmuths,

(4) William Leonhard GAGE — *A sketch of the life of Carl Ritter*, in "Geographical Studies by the late Professor Carl Ritter of Berlin" e *Life of Carl Ritter*.

(5) R. E. DICKINSON e O. J. R. HOWARTH — *The Making of Geography*.

(6) Richard HARTSHORNE — *The Nature of Geography*.

(7) Friedrich RATZEL — *Zu Carl Ritters hundertjâhrigen Geburtstage*.

(8) Gustav KRAMER — *Carl Ritter: ein Lebensbild nach seinem handschriftlichen Nachlass*.

que dava grande ênfase ao ensino das Ciências Naturais. Na Universidade, as Ciências Naturais, ao mesmo tempo que a História e a Teologia parecem ter comandado seus estudos. Tendo de um lado grande interesse pelas Ciências Naturais e, de outro, grande preocupação com os problemas humanos, nascidos de uma motivação histórica e teleológica, a Geografia serviu-lhe, segundo tudo indica, de elo entre os dois campos de meditação: a natureza e o homem.

Como tutor dos meninos Hollweg, sua tendência para o campo da Geografia acentuou-se visivelmente, tendo então estudado todos os trabalhos mais importantes sobre o assunto e ciências correlatas, e reunido toda uma série de observações pessoais sobre as áreas que teve oportunidade de conhecer em viagens com seus pupilos ou sozinho, durante as férias. Esta foi uma fase proveitosa de sua formação científica: suas anotações de leitura, seus "croquis" e suas observações das paisagens (9) formaram uma sólida bagagem geográfica, que iria aparecer logo em suas primeiras publicações.

Por outro lado, o contato com personalidades científicas de sua época também contribuiu bastante para estimular seu interesse pelas ciências naturais, como o conhecimento do anatomista Sömmering e do geólogo Ebel; conforme alguns de seus biógrafos, teria sido seu conhecimento de Humboldt, iniciado em 1807 e posteriormente continuado por uma bastante intensa correspondência, que teria despertado nele atração pela Geografia (10).

Embora sujeito a controvérsias, o tema da formação geográfica de Ritter parece bem claro em um ponto: desde cedo seu interesse e sua educação foram orientados para a observação da natureza, o que foi estimulado por sua tendência mística, que via nela a obra de Deus, digna de ser estudada para melhor ser compreendida e admirada. Da concentração na natureza, voltou-se, depois, para o complexo geográfico total, quer por influência de Humboldt, quer por curiosidade histórica, quer, mais uma vez, em consequência de sua filosofia teleológica.

Atividade científica. — Carl Ritter foi, a um tempo, pioneiro da ciência geográfica moderna e do ensino universitário dessa matéria, uma vez que ocupou a primeira cátedra de Geografia, na Universidade de Berlim.

(9) Ao contrário do que é muitas vezes afirmado, Ritter não foi apenas um geógrafo de gabinete, tendo viajado pela Suíça, Itália, Austria, França, Inglaterra, Grécia, Turquia, Europa Central e Escandinávia.

(10) Este ponto é objeto de controvérsias: enquanto PESCHEL (*Abhandlungen zur Erd- und Völkerkunde*) dá grande ênfase na influência de Humboldt sobre Ritter, RATZEL e HARTSHORNE (obrs. cit.) crêem haver nisso muito exagero. O último é mesmo de opinião que foi o contato com Humboldt, que teria mostrado a influência da natureza sobre o homem, que fez com que Ritter passasse os dez anos seguintes oscilando entre a História e a Geografia.

Como professor, contribuiu para formar na Alemanha toda uma plêiade de continuadores, tendo deixado através da obra de BERGHAUS, *Elementen der Erdbeschreibung*, um documentário sobre a Geografia geral sistemática que ensinava a seus alunos (11).

Como cientista, sua obra foi fecunda, embora não tão numerosa quanto desejaria, perturbado que foi em seu trabalho pelas inúmeras atividades que desempenhou em sua vida. Seu primeiro trabalho foi uma série de seis mapas sobre a Europa (1806), dedicados a categorias individuais de fenômenos, acompanhados de texto explicativo e que, segundo PLEWE (12) foi o "primeiro atlas físico" publicado. Esse estudo foi posteriormente completado, em 1811, pela *Geografia da Europa*, em dois volumes, em que Ritter já demonstra sua grande capacidade de percepção dos fatos geográficos e de suas relações.

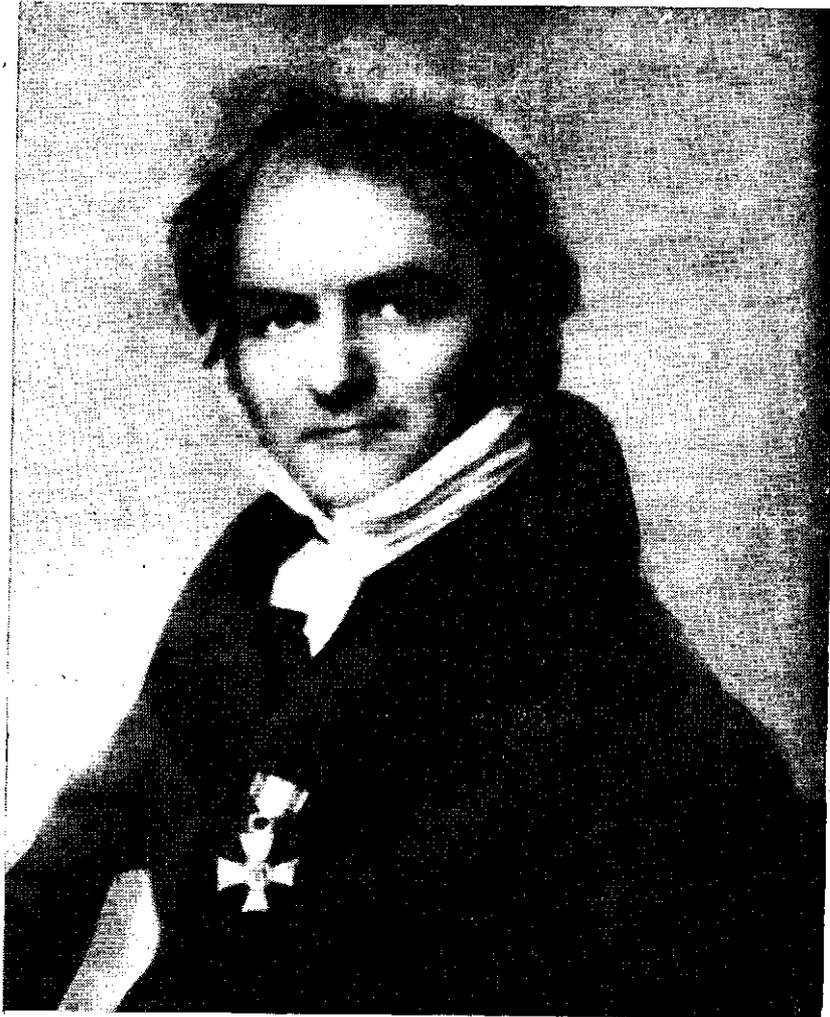
Nos próximos anos Ritter preparou um estudo de Geografia Física sistemática, o *Handbuch der Physischen Geographie*, que não chegou a publicar, talvez pelas críticas recebidas do geólogo Von Buch, que leu o manuscrito. Este trabalho, segundo KRAMER (13), foi utilizado por vários de seus colegas, às vezes com citação da origem, outras sem essa necessária preocupação. No mesmo período, seus estudos sobre a Ásia levaram-no a trabalho profundos sobre a antiguidade, publicados em 1820, e que, de acordo com RATZEL (14), foram "os únicos estudos de Ritter de caráter exclusivamente históricos". Embora pensando em dedicar-se à História por essa época, quiz ele completar sua obra geográfica e planejou um trabalho que deveria cobrir o mundo através de suas regiões, idealizado para quatro volumes, de modo a servir de base para estudos históricos. O primeiro volume, dedicado à África, saiu de acordo com o esquema inicial; mas, ao lidar com o material sobre a Ásia, verificou que o volume de dados exigia o desdobramento dessa parte em dois tomos, que saíram, seguindo de perto o primeiro, em 1817 e 1818. Tratavam-se de estudos correspondendo a uma primeira edição do *Erdkunde* e que serviriam de base aos estudos posteriores. Apesar de sintética, essa primeira edição fez com que Ritter recebesse o reconhecimento do mundo científico, ficando assegurada sua posição de mestre em Geografia, antes mesmo de exercê-la efetivamente, o que só se deu em 1820.

(11) Na Introdução de seu primeiro volume sobre a Ásia, RITTER indica que a obra de BERGHAUS fora baseada em suas aulas, ressaltando que seu amigo as simplificara para uso de principiantes. No entanto, cf. Plewe (*Untersuchung über den Begriff der vergleichenden Erdkunde und seine Anwendung in der neueren Geographie*), LUDDS comparou o trabalho publicado com os manuscritos de Ritter e descobriu que estes haviam sido seguidos muito de perto, inclusive, em várias páginas, tendo sido conservada a redação original.

(12) Op. cit. p. 30.

(13) Op. cit. vol. I, p. 205-207 e 258-268.

(14) Op. cit. p. 410.



CARL RITTER (Desenho de Franz Krüger, 1831)

Premido por compromissos os mais diversos, só a partir de 1831 retoma seus trabalhos; já no ano seguinte (1832), saiu o primeiro volume da segunda edição do *Erdkunde* (15); seguindo-se os demais em rápida sucessão até o 19.º, em 1859, ficando a obra, com sua morte, incompleta. Embora a "Geografia da Europa" possa ter tido grande repercussão na época e servisse de introdução às novas idéias de metodologia geográfica, embora várias de suas conferências (16) enunciem seu ponto de vista científico, o *Erdkunde* foi a obra máxima de Ritter, a que foi mais fecunda em ensinamentos e a que mais contribuiu para a formação da nova ciência geográfica.

Suas obras foram de grande influência na época. Na Alemanha orientaram os trabalhos que se seguiram, como pode ser comprovado pelos estudos regionais feitos na segunda metade do século XIX. Fóra de seu país, a influência de Ritter é sensível nos tratados de SOMMERVILLE e na "Terra e o homem" de GUYOR. Seus contemporâneos souberam dar à sua obra o devido valor, inclusive HUMBOLDT, cuja opinião, devido a uma suposta oposição de pontos de vista, a que se referem alguns autores, merece ser citada. Em cursos realizados na Universidade de Berlim, em 1827-28, HUMBOLDT referiu-se aos dois primeiros volumes do *Erdkunde* como "o mais inspirado trabalho no gênero que nosso século já produziu; é o primeiro trabalho em que aparece a influência do meio natural sobre os povos e seus destinos" (17). Em relação aos volumes sobre a Ásia, em carta pessoal dirigida a Ritter, a que se refere KRAMER (18), declara Humboldt que "trabalho tão importante não apareceu nos últimos trinta anos" e em seus próprios livros, como em "Ásia Central" e "Cosmos", citou êle inúmeras vezes os estudos de Ritter, considerando sua obra "grande

(15) O título completo da obra é: *Die Erdkunde, im Verhältniss zur Natur und zur Geschichte des Menschen, oder allgemeine, vergleichende geographie als sichere Grundlage des Studiums und Unterrichts in physikalischen und historischen Wissenschaft.* (A ciência da Terra em relação à natureza e à história do homem, ou Geografia geral comparada como base ao estudo e ensino das ciências físicas e históricas).

(16) A obra intitulada *Einleitung zur allgemeinen vergleichen den Geographie, und Abhandlungen zur Begründung einer mehr wissenschaftlichen Behandlung der Erdkund* (1852) reúne, além do "Ensaio introdutório à geografia geral comparada" e "Observações gerais sobre as formas fixas da superfície da Terra", extraídos do *Erdkunde*, uma série de cinco conferências realizadas na Academia Real de Berlim: "A posição geográfica e a extensão horizontal dos continentes" (1826), "Observações sobre as formas e os números como auxiliares na representação das relações dos espaços geográficos" (1828), "O elemento histórico na ciência geográfica" (1833), "Natureza e história como fatores da história natural ou Observações sobre os recursos da Terra" (1836) e "Os caracteres externos da Terra em suas influências sobre o curso da história" (1850). Esta obra foi traduzida por William Leonhard Gage sob o título "*Geographical Studies by the late Professor Carl Ritter of Berlin* (1861).

(17) Alexander Von HUMBOLDT — *Vorlesungen über physikalische Geographie nebst Prolegomenen über Stellung der Gestirne*, Berlim im Winter 1827-28, p. 14.

(18) Op. cit., II, p. 120.

e inspirada" e afirmando que "a Geografia comparativa só atinge seu objetivo quando todo o conjunto de fatos são colocados à disposição da compreensão total", como foi feito no *Erdkunde*.

Se os trabalhos de Ritter são hoje pouco conhecidos e consultados, eles já cumpriram importante função: contribuíram para reformar a Geografia, através da aplicação de novas normas metodológicas, fato que por si só é suficiente para inscrever o nome de Carl Ritter entre os grandes iniciadores da moderna ciência geográfica.

Contribuição científica. — É exatamente do ponto de vista metodológico que Ritter deu à Geografia maior soma de contribuições.

Antes de mais nada, desde seus primeiros estudos até o *Erdkunde*, postulou contra as teorias sem base experimental, declarando ser preferível que a Geografia fosse uma ciência empírica que uma ciência derivada de princípios racionais ou filosóficos enunciados "a priori". Para ele, o princípio fundamental (19) é "proceder de observação em observação e não de hipóteses ou opiniões à observação". Assim, contribuiu para instalar a Geografia como ciência de pesquisa, partindo do particular para o geral, da observação para a teoria. Essa sua orientação talvez constitua surpresa para muitos, uma vez que ele é frequentemente referido como "geógrafo de gabinete"; mas, mesmo tendo baseado sua obra, em grande parte, em pesquisa bibliográfica, Ritter foi o oposto do geógrafo teórico, tendo até mesmo demonstrado que muitas das teorias então aceitas, como a da correspondência entre as cristas das montanhas e os divisores de águas, eram contrariadas pela observação direta. Ele sabia e estava convencido de que existem leis regendo os fatos que ocorrem na superfície da Terra, mas achava que não havia pressa em enunciá-las antes de contar com todos os dados necessários, sendo frontalmente oposto à enunciação prévia dependendo de confirmação. Como disse no *Erdkunde* (20), "precisamos consultar a própria natureza sobre suas leis".

Ainda no campo da Geografia Geral, teve intensa e perfeita percepção do princípio da conexão dos fenômenos, não só no campo exclusivamente fisiográfico como também quanto às relações entre o homem e o meio natural. Insistiu sempre que os fenômenos não devem ser estudados em si mesmos, mas como parte de um conjunto.

(19) *Erdkunde*, I, p. 23.

(20) Vol. I, p. 4.

Finalmente, foi grande apologista do emprêgo da História pelo geógrafo, fazendo um postulado de que o geógrafo "não pode encontrar a verdade em uma simples fase da verdade, mas na união de tôdas as verdades" (21).

Êsses preceitos de metologia geral êle aplicou em seus estudos regionais, que desenvolveu seguindo uma técnica pré-estabelecida:

- a) para cada assunto em questão, obtinha o máximo de informações, de todos os períodos e origens, a fim de compará-las e julgar de sua validade. Para isso, usava obras de diferentes ciências, de viajantes e de literatos.
- b) acumulado o material, classificava-o por área e período.
- b) classificados os fatos, correlacionava-os, procurando relações de causalidade e, partindo do simples para o complexo, descobrir o caráter essencial de cada área em cada período.

Sua Geografia Regional não foi baseada em áreas político-administrativas ou em sistemas orográficos e hidrográficos, que considerava simplistas, adotando as "regiões naturais" como unidades de estudo. Em princípio, Ritter partiu de divisões regionais feitas em termos de relêvo, com subdivisões estabelecidas pelo clima, vegetação e outros fatores. No entanto, não se prendeu a normas fixas, pois quando conhecia ser o relêvo fator secundário na caracterização regional, não hesitava em modificar seu esquema, como no caso do Saara, em que adotou como base os quadros climático-botânicos. Assim, ficava de acôrdo com seu postulado básico, de que a natureza é que deve orientar os princípios, em lugar de se fazer adaptações nos fatos afim de atender a princípios pré-estabelecidos.

Embora tenha se dedicado especialmente à Geografia Regional, êle nunca perdeu de vista a unidade da ciência, declarando que as áreas da Terra não devem ser estudadas em si mesmas, como méras divisões distintas da superfície do planeta, nem os fenômenos que ocorrem nelas devem ser encarados individualmente: em Geografia, as áreas da superfície terrestre devem ser estudadas como caracterizadas por fenômenos que estão correlacionados entre si e com a Terra.

À luz do pensamento moderno, talvez não seja difícil encontrar lacunas na obra de Ritter. No entanto, todo o indivíduo só pode ser julgado em função de sua época. Dentro de seu período, a obra de Ritter foi de vanguarda, desempenhando no mundo cien-

(21) Cf. H. BÜGCKAMP — *An account of Prof. Ritter's Geographical Labors, in "Geographical Studies by the late Professor Carl Ritter of Berlin"*, p. 34.

tífico de então papel de relevada importância. Com todo o direito, Ritter deve ser reconhecido como compondo, junto a Humboldt e Ratzel, a trilogia pioneira da moderna ciência geográfica.

BIBLIOGRAFIA

Geral

1. DICKINSON (R. E.) e HOWARTH (O. J. R.) — *The making of Geography*. Oxford, Clarendon Press, 1933.
2. HARTSHORNE (Richard) — *The Nature of Geography*, in "Annals of the Association of American Geographers", Vol. XXIX, setembro 1939, n.º 3, p. 173-658.
3. HETTNER (Alfred) — *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*. Breslau, 1927.
4. HUMBOLDT (Alexander Von) — *Vorlesungen über physikalische Geographie nebst Prolegomenen über Stellung der Gestirne, Berlin im Winter 1827-28*. Berlin, Miron Goldstein, 1934.
5. LEIGHLY (John) — *Methodologic Controversy in Nineteenth Century German Geography*, in "Annals of the Association of American Geographers", 1938, Vol. XXVIII, p. 238-258.
6. PESCHEL (Oscar) — *Abhandlungen zur Erd- und Völkerkunde*, 3 vols. Leipzig, 1877.
7. PLEWE (Ernst) — *Untersuchung über den Begriff der "vergleichenden" Erdkunde und seine Anwendung in der neueren Geographie*, in *Zetschr. d. Ges. f. Erdkunde*, Berlin, 1932.
8. SCHMIDT (Peter Heinrich) — *Wirtschaftsforschung und Geographie*. Iena, 1925.
9. WISOTZKI (Emil) — *Zeitströmungen in der Geographie*. Leipzig, 1897.

Especial

1. BÖGKAMP (H.) — *An account of Prof. Ritter's geographical Labors*, in "Geographical Studies by the late Professor Carl Ritter of Berlin", Cincinnati, Van Antwerp, 1861, p. 33-51.
2. GAGE (William Leonhard) — *A sketch of the Life of Carl Ritter*, in "Geographical Studies by the late Professor Carl Ritter of Berlin", Cincinnati, Van Antwerp, 1861, p. 13-32.
3. GAGE (William Leonhard) — *Life of Carl Ritter*, 1867.
4. HÖZEL (Emil) — *Das geographische Individuum bei Carl Ritter und seine Bedeutung für den Begriff des Naturgebietes und der Naturgrenze*, in *Geogr. Ztschr.* 2, 1896, p. 378-396 e 433-444.
5. KRAMER (Gustav) — *Carl Ritter: ein Lebensbild nach seinem handschriftlichen Nachlass*, 2 vols. Halle, 1864-1870.
6. MARTHE (F.) — *Was bedeutet Carl Ritter für die Geographie*. Berlin, 1880.
7. RATZEL (Friedrich) — *Zu Carl Ritters hundertjährigem Geburtstage*, in "Kleine Schriften", Munich, 1906, I, p. 377-428.